

FERNANDO CABRAL MARTINS

INTRODUÇÃO AO ESTUDO
DE FERNANDO PESSOA

ASSÍRIO & ALVIM



A arca de Fernando Pessoa

Pessoa publica em periódicos três centenas de poemas e uma centena de textos em prosa de diferentes gêneros, alguns opúsculos em inglês e português e um pequeno livro de poemas. Este conjunto seria suficiente só por si para o tornar um grande poeta, e até para ter irradiação europeia, que começa logo em 1930 com um artigo e em 1933 com alguns poemas traduzidos em França por Pierre Hourcade. Mas pode dizer-se que é com a organização dos seus livros por Gaspar Simões e Luís de Montalvor, a partir de 1942, integrando os textos publicados em vida e revelando muitos inéditos, que a obra de Pessoa ganha a dimensão que hoje tem na poesia moderna ocidental.

Ora, o conjunto dos textos inéditos é de 91 envelopes guardados numa arca — a que se acrescentam outros 50 guardados numa mala e num armário¹. Este espólio será ao longo das décadas seguintes uma fonte constante de textos novos, que, na sua esmagadora maioria, se caracterizam por serem apontamentos ou esboços, muitas vezes com lacunas, de conjuntos quase todos por acabar. Nele se contêm os materiais de uma obra por vir, por escrever, e os resultados de uma reflexão torrencial, múltipla e constante, sobre literatura, ciência, filosofia, religião, política.

¹ João Dionísio, in *Dicionário de Fernando Pessoa*, pp. 55-58.

No entanto, apesar da sua condição, esses textos puderam dar origem, por exemplo, ao *Livro do Desassossego*, obra-prima absoluta. Serão esboços, mas contêm virtualidades poéticas imensas, que têm vindo a ser reveladas ao longo do tempo. Assim, a obra de Pessoa é um desafio colocado à teoria da literatura tanto como à teoria da edição. A sua escrita problematiza a figura do autor, a natureza do livro, a definição do texto literário. E a sua obra tem de ser, em grande parte, reconstruída pelos seus editores, que têm tentado dar forma fidedigna e plausível aos projetos e planos deixados por realizar.

Eis um exemplo típico dos textos inéditos de Pessoa: o poema manuscrito «Deixo ao cego e ao surdo». Tem o número 120-38v do espólio de Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional (cota E3), onde se catalogam cerca de 30 000 papéis. É um poema cujas estrofes não têm sequer uma ordem definida. Toma a forma de uma roda de palavras sem princípio nem fim. Para ser um poema, é necessário que um editor, além de lhe decifrar os versos, dê uma sequência às estrofes. Tal edição não é uma passagem a limpo, nem um restauro, dado que não há nada para recuperar, nenhum original a respeitar. Trata-se de encontrar um poema entre gestos soltos de escrita.

Deixo ao cego e ao surdo
A alma com fronteiras,
Que eu quero sentir tudo
De todas as maneiras.



A alma
com futuros.

Deixes ao cego e ao surdo
A epinias interiores
Que eu quero sentir' tudo
De todos os maneiras.

Deixes ao cego e ao surdo
A epinias interiores
Que eu quero sentir' tudo
De todos os maneiras.

Deixes ao cego e ao surdo
A epinias interiores
Que eu quero sentir' tudo
De todos os maneiras.

Do alto de tua consciencia
Contempla a terra e o cu
E o mar com misericordia;

Do alto de tua consciencia
Contempla a terra e o cu
E o mar com misericordia;

Do alto de tua consciencia
Contempla a terra e o cu
E o mar com misericordia;

Meu rogo tem attento
Tanto nelle me dispess
Que cada pensamento
Me torna ja cress.

~~Deixes ao cego e ao surdo~~
~~A epinias interiores~~
~~Que eu quero sentir' tudo~~
~~De todos os maneiras.~~

~~Do alto de tua consciencia~~
~~Contempla a terra e o cu~~
~~E o mar com misericordia;~~

~~Meu rogo tem attento~~
~~Tanto nelle me dispess~~
~~Que cada pensamento~~
~~Me torna ja cress.~~

Do alto de tua consciencia
Contempla a terra e o cu
E o mar com misericordia;

Do alto de tua consciencia
Contempla a terra e o cu
E o mar com misericordia;

E como das antilhas
Deixes ao cego e ao surdo
A epinias interiores
Que eu quero sentir' tudo
De todos os maneiras.

Um poema do espólio de Pessoa da Biblioteca Nacional: E3 120-38v

Do alto de ter consciência
Contemplo a terra e o céu,
Olho-os com inocência:
Nada que vejo é meu.

Mas vejo tão atento,
Tão neles me disperso,
Que cada pensamento
Me torna já diverso.

E como são estilhaços
Do ser, as coisas dispersas,
Quebro a alma em pedaços
E em pessoas diversas.

E se a própria alma vejo
Com outro olhar,
Pergunto se há ensejo
De por minha a julgar.

Ah, tanto como a terra
E o mar e o vasto céu,
Quem se crê próprio erra,
Sou vário e não sou meu.

Se as coisas são estilhaços
Do saber do universo,
Seja eu os meus pedaços,
Impreciso e diverso.

Se quanto sinto é alheio
E de mim sou sentiente,
Como é que a alma veio
A conceber-se um ente?

Assim eu me acomodo
Com o que Deus criou,
Deus tem diverso modo,
Diversos modos sou.

Assim a Deus imito,
Que quando fez o que é
Tirou-lhe o infinito
E a unidade até.

Este é, pois, um dos poemas que é possível ler no manuscrito. A sua fixação não depende apenas de um trabalho de paleografia, mas também, inevitavelmente, de um ato interpretativo. Acontece, no entanto, que mesmo numa forma tentativa este poema justifica a sua publicação. Mesmo sabendo, por maior que seja o rigor crítico do procedimento, que haverá sempre no poema um elemento variável, uma segunda mão a juntar-se à do autor, a sua condição textual é essa. Este poema, como tantos outros de Pessoa, é como os *rushes* de um filme antes da montagem final.

Numas notas escritas em 1914 pelo amigo Côrtes-Rodrigues, a partir de declarações de Pessoa sobre si mesmo, lê-se: «Não tem tortura da forma. [...] A grande tortura é na com-

posição do conjunto»¹. Afirmação que é um sinal muito claro, desde o primeiro momento, da consciência da sua dificuldade maior.

Também se pode considerar a importância que tomam para a escrita modernista em geral a velocidade e o esboço, modo criativo que é designado, nas palavras de James Joyce, como *work in progress*, ou, como no título dos *Cantos* de Ezra Pound, *draft*. Esta caracterização vai mais fundo que a simples aparência ou constituição dos manuscritos, tem que ver com uma alteração estética: trata-se de uma rutura da organicidade das artes clássica e romântica.

Digamos que os modernistas valorizam o aspeto performativo da sua arte, mais do que a obra perfeita. O poema liberta-se das constrições formais e parece ganhar fluidez, como se nele se pudesse manifestar o que já lá não está: o acontecer da escrita, o ato de escrever.

Esta introdução ao estudo de Fernando Pessoa pretende oferecer uma panorâmica da sua obra, tal como é hoje conhecida. A sua extensão e complexidade implicam que certos aspetos dela possam apenas ser referidos de passagem, mas tento aqui desenhar as suas linhas principais, como as diferentes relações entre os autores inventados, ou a importância dos papéis que a política, a ciência e a filosofia desempenham em toda a cena, procurando fundamentar tudo isso nos textos e contextos de Pessoa.

¹ *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, p. 77.